

Educação e cidadania

A educação nunca foi tão enfatizada como no momento atual, principalmente nos seus aspectos econômicos. Assim, é amplamente reconhecido seu papel como aprimoradora dos recursos humanos, contribuindo para aumentar a capacidade de gerar renda das pessoas e para o desenvolvimento econômico do País. Reconhece-se, também, a importância que a educação tem no jogo da competitividade

entre as nações, num mundo cada vez mais globalizado, sendo lembrados os países que pontificam na corrida do desenvolvimento econômico, mostrando o aprimoramento paralelo dos seus indicadores educacionais. É a tal aldeia global e devemos escolher se nos vamos inserir nela apenas como índios ou se teremos condições de integrar também o grupo dos caciques, para o que o esforço educacional é indispensável.

A partir daí, tem surgido uma série de idéias e providências práticas para assegurar e ampliar os recursos dirigidos para a educação. Em particular, e corretamente, para o ensino de primeiro grau. Uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação foi aprovada, procurando recolocar o ensino na direção imposta por antigas e novas necessidades. As próprias pessoas estão contaminadas por essa preocupação e nota-se, por pesquisas de opinião, que os jovens colocam a educação e o trabalho no topo de sua lista de prioridades. Os já formados se preocupam em fazer reciclagens e cursos disto ou daquilo. Os analfabetos procuram sair dessa condição e proliferam também os esforços para completar o primeiro e o segundo graus via exames supletivos.

Vendo tudo isso, ainda não encontro, entretanto, o espaço que, no meio de todas essas preocupações, deveria ser voltado para a educação para a cidadania, um assunto que os economistas costumam



**Como
sanguessugas,
os interesses
individuais
debilitam
a Nação**

mam associar à preocupação com o interesse público, de forma a fazê-lo preponderar sobre o interesse individual. É claro que a educação formal dá às pessoas melhores condições de caminhar nessa direção, mas não é suficiente para tanto e pode até fortalecer distorções já existentes.

São questões como essa do trânsito em São Paulo, em que a população, sacrificando seus interesses individuais, está aceitando a idéia do rodízio e quer até mesmo vê-lo em caráter permanente. Esse exemplo, entretanto, é mais exceção do que a regra, pois o brasileiro continua ensimesmado em torno dos seus interesses individuais, pouco se preocupando com o interesse público.

Aí, há muito chão pela frente. Tome-se, por exemplo, o descaso das pessoas por bens de uso coletivo ou de impacto semelhante, como a depredação de telefones ou o lixo jogado nas ruas, de onde chega às sarjetas e alcança os cursos d'água, matando rios como o Tietê e o Pinheiros. É um lixo de natureza e dimensões notáveis, pois alcança embalagens de toda natureza, pneus, animais mortos e até veí-

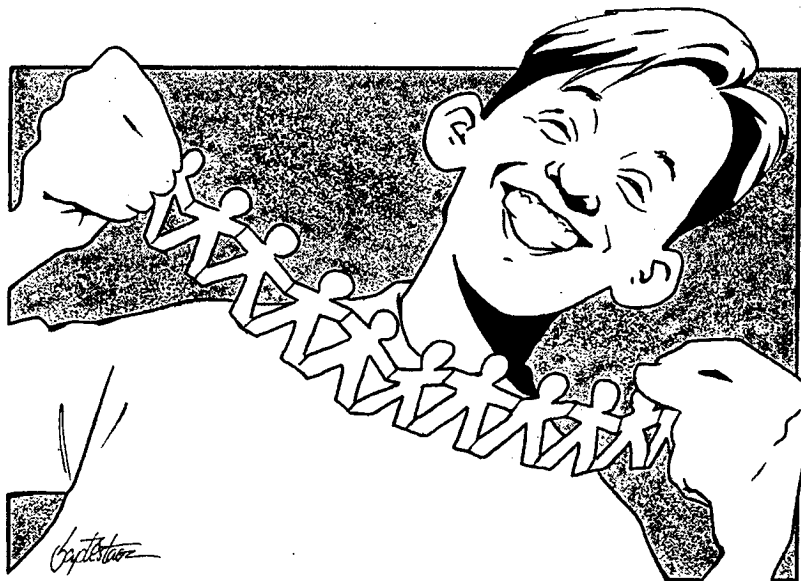
culos abandonados. E não são apenas os pobres e deseducados que fazem isso, pois é comum, no trânsito, ver gente de ótima aparência e em carros de luxo jogando porcas pela janela. Sem contar o que fazem nas praias.

Mais para o plano das idéias, das instituições e dos processos políticos, notem-se, por exemplo, as dificuldades que o ajuste do setor público brasileiro vem enfrentando, desde que, há já quase duas décadas, ele perdeu sua funcionalidade, seja como prestador de serviços, seja como agente de desenvolvimento do País. Isso nos vem condenando a perder sucessivas posições na corrida que as nações realizam nessa direção. Nesse ajuste, o governo FH vem tendo enormes dificuldades para passar as reformas no Congresso. O que anda mais facilmente são medidas genéricas em que os interesses representados no jogo político são menores, como é o caso da eliminação do conceito de empresa brasileira de capital nacional. Mas, quando se trata de medidas como a privatização desta ou daquela empresa, tetos salariais para servidores, a discussão da estabilidade do funcionalismo, bem como alterações nas regras iníquas e financeiramente insustentáveis da aposentadoria por tempo de serviço, levanta-se um clamor enorme em sentido contrário. Nem se pode dizer que os congressistas estejam represen-

tando este ou aquele grupo de interessados. Muitas vezes os interessados são eles mesmos, como indivíduos que acumulam aposentadorias ou estão próximos de se aposentar, e com rendimentos que batem no teto e fazem com que percam sua cabeça de representantes do povo, pois este estaria muito melhor se toda essa encrenca do ajuste do setor público tivesse sido resolvida há muito tempo.

Esse tipo de reação é também encontrado mesmo nos países desenvolvidos, mas lá não se consolidaram tantas distorções decorrentes desse descaso pelo interesse público. É um assunto fundamental, complexo e difícil, que a escola só não resolve, ainda que possa ajudar. Por isso mesmo, deveria ser uma preocupação maior de governantes, do sistema educacional, dos muitos que influenciam a opinião pública, em particular a mídia nas suas várias formas. Se não aprimorarmos nossa educação como cidadãos, o certo é que continuaremos a ser uma nação de individualistas, preocupados apenas em tirar proveito do que o País oferece para seus interesses, mantendo o espírito com que aportaram aqui os nossos primeiros colonizadores, essencialmente predadores à cata de recursos naturais, como o pau-brasil, ouro e pedras preciosas. Parece até que praticamos, no sentido inverso, aquela famosa frase do discurso de posse de Kennedy, refraseando-a assim: "Não pergunte o que você pode fazer pelo seu país. Pergunte o que o seu país pode fazer por você."

Ou mudamos essa mentalidade, ou todo o esforço da educação formal poderá servir até para fortalecer esses interesses que, como sanguessugas, estão deprimindo a racionalidade coletiva do País, mantendo o débil como nação. Falta, enfim, esse curso da cidadania, do interesse público, seja no currículo das escolas, seja na educação dada pelas famílias, seja por todas as influências que recebemos e nos edificamos como pessoas e cidadãos.



■ Roberto Macedo, economista formado pela USP, com mestrado e doutorado pela Universidade de Harvard (EUA), é professor e consultor